

*“Não me atemorizou a pecha de germanófilo”: a Grande Guerra nos diários de Oliveira Lima (1917-1918)**

TERESA MALATIAN**

Universidade Estadual Paulista

Resumo: Pretende-se neste artigo analisar diários escritos pelo historiador e diplomata brasileiro Manoel de Oliveira Lima, registros de lembranças que expressam valores e regras de ação, portadoras de relações de poder material e simbólico. Será analisado com mais detalhes o diário de 1917-1918 por conter posicionamentos do autor sobre a Primeira Guerra Mundial e as opções políticas por ele assumidas em relação ao conflito, partilhadas em redes de sociabilidade diversas. Permite sobretudo conhecer meandros da imprensa brasileira e seu desempenho na propaganda e na formação de opinião sobre a entrada do Brasil na guerra.

Palavras-chave: Oliveira Lima; Primeira Guerra Mundial; Imprensa.

Abstract: The aim of this article is to analyse some diaries written by the Brazilian historian and diplomat Manoel de Oliveira Lima, records of remembering which expresses values and rules of action, showing material and symbolic power relations. The 1917-1918 diary will be analyzed with more details because it contains the author positions about the First World War and the political options he assumed toward the conflict, shared in number of sociability nets. It allows mainly knowing Brazilian press

* Artigo submetido à avaliação em 18 de novembro de 2013 e aprovado para publicação em 16 de dezembro de 2013.

** Professora Titular de Historiografia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UNESP, campus de Franca, membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em História Social. Desenvolve pesquisa sobre intelectuais e imprensa.

E-mail: tmalatian@uol.com.br.

meanders and its performance on advertising and formation of opinion about the Brazil's entrance in the war.

Keywords: Oliveira Lima; First World War; Press.

Os diários de Oliveira Lima

A atividade memorialística do historiador e diplomata brasileiro Manoel de Oliveira Lima (Recife, 1867 – Washington, 1928), materializada sob a forma de diários teve início em 1885, ano em que registrou pela primeira vez suas impressões e recordações. Tinha então dezoito anos de idade e escrevia em ritmo irregular, mais próximo de uma *memorabilia*, para manifestar adesão a um hábito mantido ao longo de sua vida, seguindo os preceitos da escrita de si em diários e correspondências que norteou sua formação na Europa vitoriana.

Ao longo da vida, produziu registros memorialísticos com diferentes graus de elaboração e consistência, para culminar na construção de sua autobiografia, publicada por sua esposa, Flora Cavalcanti de Albuquerque, dez anos após sua morte: *Memórias - essas minbas reminiscências* (LIMA, 1986). Na Oliveira Lima Library, em Washington, DC, encontram-se vinte e nove cadernos, de variáveis extensões e estilos de anotação, datados de 1885 a 1926, cuja preservação sugere claramente a intenção de que a escrita de si, testemunho de uma vida, viesse a ser compartilhada na posteridade por um público interessado. A tal intento não é alheio o ofício de historiador que fez de Oliveira Lima um dos principais intérpretes da História do Brasil durante a Primeira República. O ineditismo e a relevância do material justificam amplamente sua abordagem neste artigo.

Trata-se na maior parte de cadernetas impressas, nas quais o registro a tinta ou a lápis mesclam-se ao sabor das circunstâncias da escrita. Receberam inscrições em caligrafia difícil de decifrar, característica que prejudica o acesso ao texto, progressivamente mais ilegível com o avanço da idade do autor, para tornar-se afinal tão simplificada e amorfa que, enigmática, desafia o leitor nos dias atuais. Alguns cadernos trazem anotações

breves, esquemáticas, lembretes onde prevalecem encontros, trabalhos realizados e registros de despesas. A preocupação com o orçamento doméstico, embora sujeita a flutuações, persiste como uma constante, indicativa de recursos financeiros restritos principalmente nos anos finais da vida de Oliveira Lima e de ameaça ao seu papel social de provedor da subsistência própria e da esposa, grupo familiar reduzido, pois não tiveram filhos.

Em alguns dos diários é possível verificar informações relevantes para sua vida intelectual, como as leituras feitas, a organização do seu cotidiano e a divisão do tempo: pela manhã, leituras de jornais e livros, escrita de cartas, artigos e outros textos. À tarde, saída para correios, compras, visitas e passeios. Por não se tratar de diários organizados, ocorre com frequência uma miscelânea de registros sumários, completados por anotações diversas à margem ou no alto das páginas, atalhos e desvios característicos do seu peculiar estilo transbordante de escrita. A redação apressada apresenta lampejos de fragmentos de vida, que conforme as circunstâncias e os apelos emocionais exigiram, se tornaram mais elaborados.

O mais antigo diário preservado recebeu o sugestivo título de *Horas de ócio* para anotações feitas em 1885, quando Oliveira Lima ingressou na idade adulta. Mais que o registro de memórias, contém um propósito diretriz da sua vida e o desejo de fixar uma identidade construída a partir de valores éticos do catolicismo voltados para o mundo do trabalho, como sugere claramente seu título. Revela o sentimento identificado por Michelle Perrot como o “horror ao tempo perdido, a ausência de ociosidade reconhecida como tal, a necessidade constante de legitimar o emprego de cada instante, de justificar sua utilidade, seu trabalho” (PERROT, 2005, p. 125). Neste *scrapbook* cuja abertura foi datada em 23 de agosto de 1885, em Lisboa, onde Oliveira Lima residia com a família, recortes de seus artigos publicados em jornais, além de cartas ao *Jornal do Recife*, testemunham o início da atividade jornalística. Nele destaca-se a página inicial, depositária de intenções e afetos do jovem escritor, num estilo de escrita muito elaborado. Revela também o papel desempenhado na sua formação pelo pai, Luís de Oliveira Lima, em contraponto à figura materna:

A meu pai são dedicadas todas estas ninharias, que em momentos d'ócio meu espírito se compraz em compor. Se algum merecimento tem, a ele sou devedor, porque o seu zelo fervoroso e a sua incansável perseverança pelo meu constante adiantamento, sempre me incitaram no caminho do estudo e do trabalho. A sua rígida moral fornece-me belos exemplos a seguir e a sua vida honrada e nobre, cheia de afãs e de atos de extraordinária dignidade, constitui para mim a melhor herança que me pode legar. A sua amizade tem sido imensa, intensa como um sol d'agosto. O mais belo apanágio da sua índole virtuosa por excelência é a honestidade – que Deus me ajude a guardá-la sempre intacta, como ele a tem guardado. E que não fique no esquecimento minha mãe. O seu amor acrisolado tem sido o tronco vigoroso, a árvore prenhe de seiva a que se arrimou a minha frágil existência, quando criança, e a que hoje se enroscam as minhas ilusões de adolescente, as minhas esperanças, as minhas ambições.

Que longos anos vivam ainda estes protetores devotados e sacros da minha vida! (LIMA, 1885, p. 1).

A figura paterna constituiu ao longo da vida de Oliveira Lima uma referência constante e encontraria sua dimensão mais acabada na autobiografia com encerrou sua atividade memorialística. Luís de Oliveira Lima, comerciante português estabelecido no Recife, casara-se nesta cidade com a pernambucana Maria Benedita de Miranda. Seus filhos mantiveram laços com a terra pernambucana mesmo depois de os pais fixarem residência em Portugal em 1873, com Manoel, o filho mais novo, em movimento de retorno à terra natal paterna, como ocorreu com muitos emigrados portugueses, após acumularem um pecúlio no Brasil. Luís, o filho mais velho, casou-se com Paula de Holanda Cavalcanti Lima, da família do barão de Suassuna; Maria casou-se com Pedro de Araújo Beltrão, membro do serviço diplomático brasileiro e patrocinador do primeiro emprego de Manoel como secretário da legação brasileira de Lisboa, em 1890; Amália casou-se com Adolfo Acioly Wanderley; Manoel casou-se com Flora Cavalcanti de Albuquerque, da família dos senhores do engenho Cachoeirinha. A inserção

na oligarquia pernambucana pelos laços de casamento foi uma constante entre os irmãos Oliveira Lima, indício de posição social distinguida, embora não necessariamente de fortuna.

Já se revelava nas *Horas de Ócio* a inserção de Oliveira Lima em redes de sociabilidades intelectuais no Brasil e em Portugal, na imprensa e em círculos de historiadores. Ainda muito jovem, exercia atividades jornalísticas em Portugal e no Brasil, onde se tornou colaborador do *Jornal do Recife* em 1885, no mesmo ano do início da escrita deste diário. Estabelecia relações com intelectuais portugueses e brasileiros, a quem dava grande valor, demonstrado por exemplo ao colar no diário uma carta do consagrado historiador português Oliveira Martins a ele endereçada, em três de junho de 1885. Testemunho de credibilidade, uma gema preciosa no “capital de lembranças”, o documento foi cuidadosamente preservado pelo jovem destinatário.

Às *Horas de ócio* seguiram-se outros cadernos iniciados e logo abandonados, entre eles a tentativa mais bem sucedida de 1891, ano de seu casamento (quinze de outubro), quando ocupava o cargo de secretário da legação do Brasil em Lisboa. Na sequência, o diário contém registros de seus deslocamentos como funcionário do Itamaraty nas legações em Berlim (1892-1896), Washington (1896-1899), Londres (1899-1900) e Tóquio. Em 1900 havia sido designado encarregado de negócios na recém-criada legação do Brasil no Japão e nela atuou de 1900 a 1902. Ao impacto causado então pelo recente falecimento do pai somou-se a experiência do contato com a cultura japonesa, o qual parece ter sido fundamental para esta escrita e sua tentativa de compreender o país que visitava pela primeira vez. Neste diário encontram-se apontamentos sobre uma experiência de alteridade radical, muitos deles riscados com um traço transversal que indica aproveitamento posterior do texto no livro de viagem intitulado *No Japão* (LIMA, 1997). Das quarenta e três páginas com cartas anexas, a primeira, datada de oito de agosto de 1891, revela suas disposições no momento da abertura do diário e a retomada das reflexões registradas nas *Horas de Ócio*:

Aqui registrarei dia a dia o q. for observando de mais interessante na Legação, na cidade ou em casa. É o meu livrinho de lembranças pa. a velhice, o q. eu folharei com prazer quando tiver netos e precisar de[...]. Começo cedo a vida pública – aos 23 anos. Tenho diante de mim um futuro bem longo, quanto possa querer olhando p. a minha saúde e pa. a vida regrada q. levo desde q. meu querido Pai faleceu. O q. até aqui tenho sido, conota do livro “ Horas de ócio” e da biografia q. o Brito Aranha vai inserir no Dicionário Bibliográfico. É aquele o repositório um tanto à la diable do q. desde os 15 anos se há passado comigo, pa.a assim dizer oficialmente (como me vai invadindo a burocracia!). A vida interior desse tempo é pouco interessante pa. ser arquivada – afetos de família sempre a manifestar-se, e isto esconde – se bem p. a se não maculem , amores fáceis q. não deixaram vestígios nem no coração nem [...]a tarefa de ser sempre honrado diante de um mundo de tartufos, e nada mais.” (respeitada a grafia original) (LIMA, 1885, p. 1)

O olhar reflexivo também declara intenções, reafirma valores incorporados pelo grupo familiar e colocados à prova. O diário aparece nesta fase de sua vida como recurso para a introspecção, depositário de confidências sempre contidas, em harmonia com a formação para o controle de si. Nestes dois documentos, como em outros diários, está presente uma estratégia de escrita onde anotações preliminares para obras de maior fôlego misturam-se a impressões do cotidiano. Desvendam textos prévios, rapidamente rabiscados sob a emoção do momento e de que resultariam textos definitivos posteriormente publicados, nos quais houve retomada das memórias, limpeza e ordenamento das anotações. Da observação instantânea Oliveira Lima passava assim à síntese, que fornecia aos leitores um conjunto articulado a partir da utilização de materiais aparentemente desconexos e fragmentados. As lembranças retrabalhadas apresentam-se como um repositório de textos a serem consolidados segundo um plano de trabalho pré-existente ou conforme solicitações do momento, estratégia que se

relaciona muito claramente com as atividades jornalísticas exercidas desde a juventude.

Memórias da guerra

Entre todos os cadernos preservados, destaca-se um com anotações datadas de 8/11/1917 a 9/6/1918, cento e dezesseis páginas escritas em estilo admirável e muito peculiar, sem rasuras ou hesitações, apesar de seu autor encontrar-se à época sob grande emoção e pressão psicológica. Resultado do treino de escrita longamente desenvolvido ou de reescrita em momento posterior? Nenhum indício autoriza a segunda hipótese, mas o cuidado com que foi elaborado sugere a intenção de transmitir para a posteridade as impressões daqueles meses tumultuados pela guerra, em testemunho de fatos extraordinários.

Na época, Oliveira Lima residia na cidade do Recife, em autoexílio motivado pela impossibilidade de retornar à sua residência na Inglaterra, pois fora acusado de germanofilia em pleno desenrolar da Primeira Guerra Mundial. As investigações da Scotland Yard sobre suas atividades jornalísticas, amizades e redes de sociabilidade haviam resultado na sua inclusão na *black list* dos indesejáveis ao Reino Unido. Desafetos no Itamaraty também haviam contribuído para confirmar as suspeitas sobre sua opção política pelos Impérios Centrais, especialmente a Alemanha que os lideravam. Como explicar sua opção? Sem dúvida, inicialmente pela formação na Faculdade de Letras de Lisboa, que incluiu o contato com obras de historiadores alemães considerados paradigmáticos na virada do século XIX para o XX pela historiografia acadêmica, a exemplo de Ranke e Mommsen. Em sua autobiografia registrou posteriormente a relevância de sua passagem como secretário de legação em Berlim, que o deslumbrou pela pujança imperial:

A Alemanha de então, sol do sistema planetário europeu, era a grande potência modelada pelo gênio de Bismarck, a

cujo octogésimo aniversário assisti em 18193, quando piloto desembarcado da nau do Estado[...]. Os bailes da corte tinham um tom de esplendor; brilhante, embora curta, era a quadra da vida mundana; abundantes os teatros e outras diversões; inesquecível o espetáculo das revistas militares: em tudo força inteligente, disciplina, progresso social e conforto, nenhum outro país se lhe avantajando. Os que não conheceram a Alemanha daquela época não podem hoje avaliar o quanto ela representava de eficiência e grandeza” (LIMA, 1986, p. 104-105).

As informações registradas nesse diário podem ser melhor compreendidas se cotejadas com anotações feitas em outro caderno avulso, não datado, bastante prolixo e destinado a orientar a elaboração de suas memórias. Nele Oliveira Lima afirmou a importância da conflagração de 1914-1918 em sua vida, ao declarar que apesar das adversidades, havia “conseguido manter durante a grande guerra a[...] integridade moral”. Posto à prova, manteve-se coerente com os propósitos e valores anunciados desde as *Horas de Ócio*.

Quando a guerra foi declarada, em 1914, ele encontrava-se com a esposa na estação de águas de Carlsbad (Áustria). De retorno a Londres, presenciou a atmosfera de crescente intolerância, agravada pelo afundamento do transatlântico *Lusitânia* pelos alemães, cujo balanço acusou grande número de mortos. Ademais, nesse ambiente transtornado pelos bombardeios aéreos dos *zeppelins* passou o primeiro ano da guerra, mantendo a habitual amizade com grupos de emigrados belgas pró-germânicos e escrevendo para a imprensa brasileira suas opiniões sobre o conflito. Não foi sem consequências: às intrigas atribuídas a Fontoura Xavier, ministro do Brasil em Londres, somaram-se as visitas da Scotland Yard à sua residência em consequência de denúncias sobre seu posicionamento pró-Alemanha, claramente expresso na imprensa brasileira e em situações públicas, atitude incauta para alguém residente em um país que integrava com a França o grupo dos países Aliados, situados no campo contrário. Pouco a pouco o cerco se fechou ao seu redor tornando a permanência na Inglaterra

insustentável. Manteve porém inabalável convicção germanófila, ainda que revestida de pacifismo, a despeito do crescente isolamento motivado pelo afastamento dos amigos aliadófilos, conforme relatou neste registro, onde anotações quase telegráficas indicam o roteiro da memória da guerra em construção:

“Eu mantive-me firme. José Veríssimo afastou-se (carta dele de março a q. respondi em abril, diz G. Freyre, q. de forma evangélica) . Recusa de falar na Sorbonne em set.[embr.]o (carta de Martinenche) . Fui-me criando reputação de pro-germânico, ajudando portanto a cabala de Fontoura, embora disto tivera consciência. Não hesitei . Vi 1.o ataque de Zepelins em 1.o de set.1915. Parti p[ara] Harvard em fins de set[embro]. Aí encontrei uma atmosfera furiosam.te inglesa [...]. Quando ia regressar, aviso de Kelsch. Fui p[ara] o Brasil: encontrei atmosfera de desconfiança: boatos de expulsão. Impossível voltar. [...]. Fui ao Rio (pretendia voltar p[ara] Londres e queria cultivar meus estudos históricos). Legação britânica avisa-me de q. não poderia desembarcar. Tinha havido outra denúncia (minha conf[erência] em Clark University sobre neutralidade). Artigos meus explorados p[ara] comprovar minhas opiniões, e rumor de q. tinha ido ao E.U. fazer propaganda germânica. Morgan foi único a tomar minha defesa. Telegrafou a Coolidge perguntando se nas minhas lições havia eu tomado atitude unneutral (LIMA, ms , s/d).¹

As negociações diplomáticas não conseguiram evitar que fosse impedido de regressar à Inglaterra após permanência nos Estados Unidos para ministrar um ciclo de conferências em Harvard em 1915-1916, embora a distância possibilitasse uma suspensão da vigilância sobre suas atividades pela Scotland Yard. Mesmo assim, nunca mais conseguiu permissão para reingressar na Inglaterra, onde ficaram sua casa e a valiosa biblioteca, igualmente exilada. O processo de autoexílio o levou então a “estacionar” em

Pernambuco, à espera do fim da guerra para tomar novo rumo, o que acabaria ocorrendo quando conseguiu se estabelecer em Washington, onde terminou seus dias em 1928. Ali manteria suas atividades jornalísticas e ampla participação nos debates da política local. Foi até mesmo escolhido para paraninfo de diversas formaturas de colégio e manteve boas relações com os estudantes da Faculdade de Direito, daí resultando ocasiões propícias ao uso da tribuna para exposição de suas ideias.

Por se tratar de um diário especial, com anotações minuciosas, surge a pergunta: o que motivou Oliveira Lima a “confiar seus pensamentos” a um caderno datado de 1917-1918, diferenciado dos demais pela forma narrativa e abundância de detalhes? Às vésperas de completar cinquenta anos de idade, inspiravam suas páginas o sentimento de melancolia pela vida já passada e a incerteza sobre o futuro de exilado. Avaliava o momento como um “mundo tão extraordinário, sombrio e desanimador”, no qual sentia necessidade de se defender das acusações de germanofilia e ao mesmo tempo construir uma versão contrária àquela dominante na imprensa sobre a entrada do Brasil na guerra.

A narrativa é dominada por um evento perturbador ocorrido à véspera do início do diário, os ataques às casas comerciais alemãs no Recife, movidos pela onda de ódio que se seguiu à divulgação da falsa notícia do torpedeamento do navio – escola brasileiro *Benjamin Constant* pelos alemães. O navio destinava-se a “prestar serviços de instrução para guardas-marinha e aspirantes da Escola Naval, assim como para inferiores que se preparavam na Escola de Suboficiais Marinheiros. Não possuía poder de combate” (ALMEIDA, 2007, p. 11) e por isso mesmo, a manipulação do evento provocou grande comoção entre os recifenses.

O episódio ocupou Oliveira Lima durante meses, e gerou registros que permitem o acesso às memórias subterrâneas de que fala Pollak (POLLAK, 1989), uma vez que a cidade do Recife havia sido palco em 1872, ano anterior da mudança de sua família para Portugal, de uma onda de

¹ Vianna Kelsch, secretário da legação do Brasil em Londres; Edwin Morgan, embaixador norte-americano no Brasil; John Calvin Coolidge, presidente do Senado norte-americano.

movimentos anti-lusos que atingira e aterrorizara seu pai, obrigado a procurar refúgio em um navio de guerra ancorado no porto desta cidade para escapar à fúria popular, que reinventava a tradição dos movimentos “mata marinheiro” de 1848. Logo a seguir, veio a liquidação dos negócios da família na praça e a mudança para Portugal.

Em novembro de 1917, eram outros os atingidos, mas semelhante o procedimento: saques, incêndios, depredações, perseguições a indivíduos identificados como inimigos da pátria pelo fato de serem alemães. Em torno desse evento traumático, foi construído o texto memorialístico de um jornalista impedido de manifestar-se livremente pela imprensa e ávido por estabelecer culpados/responsáveis pelos “atentados” indicativos da “estupidez popular, acesa e aguçada pela imprensa e pelos meetings”, assim classificou a manifestação descontrolada de revolta popular movida por nacionalismo exacerbado.

Acuado pela “pecha de germanófilo”, cancelada sua atividade jornalística sobre a guerra no jornal *O Estado de S.Paulo*, aposentado desde 1913 do serviço diplomático brasileiro após diversos conflitos com o Itamaraty, ainda assim Oliveira Lima manteve-se firme em sua simpatia aos alemães embora manifestamente pacifista, desejoso do fim da guerra. Frequentava eventos promovidos pelas comunidades alemã e austríaca do Recife, proximidade que lhe rendeu dissabores e problemas. Tanto que diante da repercussão no Recife do anúncio pela imprensa local de sua projetada participação de um almoço a bordo do *Cap Vilano*, com a presença de membros dessas comunidades, foi necessário retroceder (GOUVÊA, 1976, p. 1285).

Novamente o diário não datado fornece importantes pistas sobre sua atividade naquele jornal e os percalços que enfrentou como colaborador do periódico dirigido por Júlio Mesquita, declarada e apaixonadamente aliadófilo em seus artigos denominados *Boletins da Guerra*. Em campo oposto, Oliveira Lima em seus artigos intitulados *Ecos da Guerra* criticou a atuação dos Aliados e não ocultou a adesão à germanofilia conforme seu testemunho:

Escrevi uma série de artigos, creio q. 30, sobre responsabilidades e consequências da guerra, em q. pouco haveria q. alterar. Eram destinados ao “Estado de S.Paulo” q. não os quis ms. publicar depois do 1.o porq. se vendera à Inglaterra, aceitando do Consulado inglês o suborno de 40.000. O algarismo pode ser exagerado: se não foi tanto, foi quanto.[...]. O “D[íário] de Pern[ambuco]”, q. me acolheu e sustentou (diz-me Gilberto Freyre q. Carlos Lyra disto se orgulha) teve q. mostrar porq. o B[rasil] entrou na guerra, isto é, tomou o partido dos aliados (LIMA, s/d).

Nesse registro não datado há imprecisões provavelmente causadas pelo recuo temporal em relação aos acontecimentos. Na verdade foram 65 artigos de novembro de 1914 a agosto de 1915, escritos como “observador diplomático” a partir de artigos não censurados da imprensa inglesa, nos quais abordou aspectos econômicos, sociais e políticos da guerra, porém deles estavam ausentes as operações militares. Neles, apesar de declarar-se sempre pacifista, e mesmo solidário aos belgas que tiveram seu território invadido pelos alemães, não escondia sua admiração pela Alemanha.

Pelo diário de 1917-1918 perpassam as redes de sociabilidade em que Oliveira Lima se inseria naquele momento: o jornalismo nacional e internacional, sua principal atividade na época, que lhe rendia sustento em complementação aos proventos da aposentadoria. No entremeio da colaboração principalmente literária e cultural no *Diário de Pernambuco* e em *O Estado de S.Paulo*, ocupava-se da escrita de obras históricas, que seriam publicadas nos anos seguintes: *O movimento da Independência*, as anotações à obra de Muniz Tavares, *História da Revolução de Pernambuco em 1817*, que concluiu em meio às comemorações do centenário do evento das quais era um dos organizadores, e a *História da Civilização* (LIMA, 1921), obra didática escrita em tempo recorde que teve inúmeras edições. Como intelectual e diplomata vinculado à oligarquia pernambucana por laços de família, obtivera assento no Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco, e ali a política e os políticos estavam em evidência e lhe rendera posição destacada.

O texto memorialístico contém informações importantes para a compreensão do papel da imprensa na propaganda de guerra, sujeita à censura e à autocensura, tema ainda lacunar na historiografia. Sua construção atendeu ao imperativo da busca da verdade por um jornalista inconformado com a impossibilidade de externar suas opiniões sobre a guerra na imprensa, e que com tal intenção mobilizou os contatos entre os colegas de profissão para clarear o episódio da “vilania” e apurar responsabilidades. Nessa pesquisa movida pela indignação, ressaltou a indiferença da polícia e das autoridades diante da multidão enfurecida e fora de controle, conclamada em comício em praça pública a executar vingança sobre os alemães residentes na cidade do Recife.

Por se tratar de memórias de guerra, as anotações do diário não escaparam à autocensura, expressa na camuflagem de certos nomes de políticos sobretudo autoridades locais. No entanto, Oliveira Lima não teve receio de ali registrar suas posições contra o governo federal, a entrada do Brasil na guerra e a política estadual, em desabafo que deu vazão à dissidência em relação à corrente dominante na política interna e externa brasileira.

Desde a primeira página, Oliveira Lima recusou-se a aceitar a autoria alemã do torpedeamento do *Benjamin Constant*, que reputou com determinação tratar-se de “boato falso para fazer desencadear a chamada ira popular” e seu “apetite de destruição”. Ao longo do diário procurou desmontar a propaganda destinada a impulsionar e justificar a entrada do Brasil na guerra, veiculada pela imprensa e nos comícios populares, movidos por interesses dos Aliados e seus representantes no Brasil. Com essa premissa acusou a imprensa estadual de incentivar a hostilidade aos alemães para “levar o povo à guerra de verdade”. Em especial, teriam exercido tal papel o *Jornal da Província*, o *Jornal Pequeno* e o *Jornal do Recife*, publicados na cidade do Recife. Além disso, criticou a posição do clero pernambucano, que concordava com a estratégia de ‘soar a nota guerreira’. Estabelecida a premissa, empreendeu peregrinação entre jornalistas, autoridades, amigos e alemães vitimados para obter informações confiáveis. Em destaque, entre os mais próximos dele, o pernambucano Mário Melo, colaborador do *Diário de Pernambuco* e Assis Chateaubriand, seu amigo e correspondente, redator do

importante jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. O resultado foi um elenco de heróis, mártires e vilões, muitos deles anônimos, a povoarem a memória épica, em contraponto aos anti-heróis: desertores, espiões, traidores, aproveitadores. Freqüentador de diversos meios, em cada um deles Oliveira Lima procurava aliados e confrontava divergentes, aparentemente nos limites de prudência necessários à sua própria segurança pessoal em um meio onde os ânimos encontravam-se exacerbados. Foi o que ocorreu nas reuniões do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, onde era membro destacado e o assunto foi motivo de amplos debates.

Em esforço de contrapropaganda, a guerra naval que se desenrolava no Atlântico foi seletivamente apagada de sua memória. Escolha sintomática de sua tentativa de minimizar a responsabilidade do Império Alemão nos ataques, pois a declaração de guerra do Brasil à Alemanha em 26 de outubro de 1917 e os eventos do Recife não podem ser dissociados do afundamento de navios mercantes de bandeira nacional em águas europeias, que levaram à ruptura da neutralidade assumida até então pelo presidente Wenceslau Braz. A guerra nos mares alcançara o vapor *Paraná* na costa ocidental da França em abril de 1917; no mês seguinte, foi a vez do navio mercante *Tijuca*, afundado próximo ao porto francês de Brest; depois naufragou o *Lapa*, próximo ao cabo de Trafalgar e finalmente em 18 de outubro houve o torpedeamento do *Macau* em águas espanholas. Foi a gota d'água. Atendendo ao “forte clamor popular”, de elevado teor na cidade do Rio de Janeiro, o governo brasileiro rompeu relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, ou seja a neutralidade oficial (ALMEIDA, 2007, p. 8). O afundamento do *Macau* foi o único mencionado por Oliveira Lima, que ao assim proceder selecionou os fatos memoráveis daqueles a serem relegados ao silêncio coerente com a posição assumida.

A relevância e a repercussão da guerra naval para o Recife não podem ser entendidas sem que se considere sua localização estratégica de “cidade de mercados aberta ao Atlântico”, passagem de importantes rotas comerciais para os Estados Unidos que nessa época já entrara na guerra com os Aliados franceses e britânicos, para o envio de suprimentos às regiões envolvidas no

conflito. Nem é de se desprezar a posição estratégica do nordeste para a defesa do Brasil (SCHURSTER, 2013, p. 43).

A manipulação do evento pela imprensa no chamamento do Brasil à guerra e na formação da opinião pública favorável ao abandono da neutralidade resultou em violência contra civis alemães e atesta o poder da propaganda de guerra voltada contra os comerciantes e as casas de comércio alemãs, para grande surpresa de Oliveira Lima, para quem o território das ações bélicas parecia restrito à Europa e às águas territoriais do Velho Continente. Seu diário expressou esforço de contrapropaganda, destinada a criticar e a desmontar a versão oficial que mobilizou a opinião pública e justificou a entrada do Brasil na guerra junto aos Aliados contra os Impérios Centrais (Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária).

O eixo da narrativa espiralada são os acontecimentos da noite de sete de novembro de 1917, quando ocorreram incêndios de casas comerciais, saques e tentativas de homicídio, cujos detalhes foram apresentados no diário à medida que as investigações de seu autor avançavam na coleta de informações, algumas de primeira mão: a casa Alemã dos Dauderlein, a Casa Krauser, uma litografia, além dos frades alemães do convento de São Francisco em Olinda, acusado de ser um “ninho de espiões prussianos” e ao mesmo tempo em que colocado sob suspeita, foi objeto de “proteção policial” armada.

Com essa intenção, passou a relatar conversas com colegas de jornalismo, políticos, amigos, parentes, junto aos quais colheu depoimentos, cumprindo inclusive, conforme as normas da sociabilidade, o ritual de visitas às famílias vitimadas. O mais completo relato em primeira mão transcrito no diário é o da família Dauderlein, proprietária da Casa Alemã, residente em Olinda, onde parece ter sido recebido por uma das mulheres da família, que lhe teria fornecido informações preciosas para a comprovação da “vilania” e dos ataques que beiraram o linchamento:

Contou-me Miss Lily Moser, a sobrinha, que tiveram a “very narrow escape”. Quando a ralé assaltou a casa, o delegado [...] e o capitão de polícia Teofanes (o que

prendeu Antônio Silvino), fizeram sair os empregados brasileiros e disseram que voltariam para fazer sair o resto. Nunca mais apareceram, explicando depois que lhes não tinha sido mais possível. O sr. Dauderlein, Fräulein Lily e os outros presos alemães subiram para o sótão e daí, quando já começava a devastação e já se ateara fogo, passaram para o sótão da casa pegada, onde está o Café Majestic e que é propriedade do sr. Dauderlein. Uma porta com cadeado de letras separava as duas casas. Essa porta de comunicação foi feita, disseram-me, para fazer depósito das caixas, etc., no sótão vizinho; já teria talvez sido uma precaução sábia.(relato do dia...) (13/11/1917).

A espetacular fuga dos alemães por um portão, cujo cadeado se abria com as letras dos nomes das mulheres da família, foi o relato mais elaborado na crônica dos eventos, atribuído ao depoimento da miss/fräulein que Oliveira Lima, transtornado em sua emoção, parecia indeciso sobre a forma de tratamento, em inglês ou em alemão, ambas as línguas nas quais bem se expressava.

Nessa tentativa de estabelecimento de uma crônica subjaz seu profundo desprezo pelos pernambucanos e principalmente às autoridades, por sua conivência, descaso e fomento da impunidade. O jornalista Dantas Barreto e o industrial Delmiro Gouveia, vítimas recentes de violência no Recife, foram chamados a validar a tese depreciativa sobre os conterrâneos do autor, que se manteve no diário, desde a sua inicial classificação como manifestação de “populações de raças inferiores” (registros de 8/11/1917 e 10/11/1917). Porém, incansável investigador dos menores detalhes dos atentados, Oliveira Lima acabou atribuindo sua autoria ou melhor, a autoria oculta por trás da imprensa e do movimento popular de hostilidade aos alemães, inicialmente aos interesses econômicos da companhia inglesa de bondes Pernambuco Tramway, auxiliada pela Texas Oil, que teria fornecido gasolina para os incêndios (11/11/1917). A questão era pois descobrir a quem interessava o vandalismo sobre as propriedades dos alemães. A resposta encontrada foi o capital europeu dos países Aliados, que soube

mobilizar o povo para a fúria e os saques, enquanto a imprensa assumia posição de “covardia moral” : “os jornais hoje publicam a medo, quando não atenuam os fatos para desculpá-los, os vandalismos de ontem” (8/11/1917). Desde a declaração de guerra à Alemanha, a população fora levada a entender que a beligerância significava atacar os alemães residentes no Brasil.

Pouco a pouco nas páginas do diário aflorou seu posicionamento contrário à entrada do Brasil na guerra – “o Brasil foi arrastado à guerra sem querer”, quando teria bastado a neutralidade , aliás solução adotada pela Argentina, mencionada mas não explorada no diário. E o quadro complexo das relações entre Brasil e Estados Unidos vai se desenhando para evidenciar o alinhamento estabelecido a partir da gestão de Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores (1902-1912). A culpabilização pelos atentados e pela entrada do Brasil na guerra progressivamente foi deslocada no diário para incluir o papel da aliança com os Estados Unidos. Para Oliveira Lima, os “americanos

[...] estão odiando a Alemanha. Quanto mais sucessos militares e navais esta conta – acaba agora de impor a paz à Rússia em condições extraordinárias, que ninguém pressagiaria no começo da guerra – mais eles se contrariam. Quereriam ser a 1.a nação do mundo em tudo e nenhuma outra para lhes fazer sombra, nem comercialmente, nem economicamente, nem militarmente. Meteram-se na guerra para salvar a Inglaterra, ameaçada de morte e sobretudo para estabelecer sua própria hegemonia sobre o mundo, acusando a Alemanha desse feio pecado” (24/2/1918).

As reiteradas críticas aos Estados Unidos e a ressignificação dos interesses envolvidos na guerra vão se delineando no diário à medida que se estabelece, com a ruptura da neutralidade brasileira, um controle da imprensa nacional por um serviço de censura comandado pelos Estados Unidos. A indignação de Oliveira Lima atingiu então níveis altos níveis por entender que tal controle arranhava a soberania nacional e em especial atingia a autonomia do Ministério das Relações Exteriores, cujo titular na época era o

ex-presidente da República Nilo Peçanha. Recebeu porém um tratamento aparentemente privilegiado, talvez por sua condição de diplomata aposentado, ao ser visitado pelo cônsul americano no Recife para ser apresentado ao tenente da marinha americana enviado para exercer a censura sobre os jornais ali publicados, atitude que considerou humilhante “para o governo brasileiro”. Mas o recado estava dado a ele, sem grande sutileza: deveria se precaver, pois a censura se abateu sobre a imprensa pernambucana enviada ao exterior. Seus escritos e mesmo suas manifestações verbais estavam ameaçados pela

censura exercida pelo oficial americano nos jornais expedidos para o estrangeiro, os quais não podem mais ser expedidos em português, isto é, só podendo sê-lo em inglês, isto é, na língua do tenente[] O que pretendo ganhar em ser patriota? A estima de uns ou a malevolência do grande número[] faço melhor em calar-me mas é o que devo fazer , por meu espírito independente e altivo [...] sendo o amigo verdadeiro do meu país, que não vendo como eles o fazem” (24/1/1918).

Não por acaso, pois havia tomado parte destacada na polêmica sobre o panamericanismo nos anos iniciais do século e alcançado projeção na imprensa e no debate político pelas posições contrárias às intervenções dos Estados Unidos na América Latina. A grande questão que se colocou aos poucos nas páginas do diário, uma vez passada a emoção dos atentados aos alemães, foi a possibilidade do envio de tropas aos campos de batalha, que significaria “levar o povo à guerra de verdade nas trincheiras europeias”. Oliveira Lima assumiu firme postura contrária publicamente e responsabilizou a Inglaterra por “arrastar os países fracos para depois deixá-los no tremedal a debaterem-se” (14/11/1917). Ao abordar o tema, revelou-se particularmente irônico ao duvidar do sucesso do alistamento voluntário de tropas brasileiras a serem enviadas em auxílio dos Aliados:

Não falta quem pensa que se se tratar de mandar tropas para a Europa, o exército reagirá e o povo se amotinará. O Carlos Lyra recomendou ontem com graça[...] uma boa especulação – a de comprar quanta corda pudermos porque a procura seria muito grande para amarrar voluntários” (grifo original, 17/11/1917).

E mais adiante, ao comentar a formação de unidades bélicas em Pernambuco, insistiu na ausência de espírito belicista entre os pernambucanos, exceto para a “beligerância passiva “ ou “de uso interno” de ataques a civis desarmados. Na ausência de voluntários, haveria que se proceder ao sorteio e afinal ao recrutamento de “involuntários” (27/11/1917). Com isso colocou-se na mira dos ataques do *Jornal do Recife* onde foi denunciado como

“infenso à causa da Pátria. A causa desses miseráveis é o dinheiro que recebem de quem lhes encomendou os sermões, e também a satisfação dos maus instintos tão abundantes no homem que vai procurar oportunidades de explodir”[...]. Escrevendo esses artigos, o jornal busca açular os desordeiros contra os alemães, germanófilos e tudo quanto for pessoal decente e portanto “indesejável”(9/12/1917).

E no entanto já se preparava para ir à Argentina ministrar conferências, a convite do ministro e político Estanislao Zeballos, nas quais pretendia defender “a paz no Novo Mundo” . Tinha seus motivos: “O pendor natural do meu espírito, o efeito do tempo e outras circunstâncias estão fazendo de mim um propagandista da paz, um apóstolo do pacifismo”. Não mudava no entanto sua admiração pela cultura germânica, que conhecera de perto quando secretário da legação do Brasil em Berlim. Logo na sequência desta passagem do diário deixou um trecho enigmático que complementa a declaração pacifista e sugere convicção íntima inabalável, por conveniência impossibilitado de externar:

Já fui um propagandista do Brasil na Sorbonne, nas universidades belgas e americanas, em congressos internacionais, em sociedades cultas cosmopolitas, em toda a parte onde valeu a pena fazê-lo e entretanto menti muita vez por acreditar no Brasil com sinceridade, imaginando falar a verdade [...] pela ingenuidade que alguns se chama [...] patriotismo” (9/12/1917).

Mas foi nas palavras atribuídas ao embaixador norte-americano no Brasil, Edwin V. Morgan, que encontrou brecha camuflada para expressar um inequívoco julgamento sobre os alemães. Atribuiu-lhe a confiança de “reverenciar o caráter alemão, admirar o povo alemão, prezar a cultura alemã e sabia perfeitamente que não se tratava de bárbaros como seus inimigos queriam fazer crer”. Com um argumento a mais, acrescentou: a necessidade que o Brasil tinha “do concurso do estrangeiro, do braço estrangeiro, da cultura estrangeira” (13/11/1917).

Contra a propaganda de guerra que exaltava a excelência dos aliados e execrava a perversidade dos adversários, construiu sua contrapropaganda: em lugar de defender a participação dos alemães na Guerra, preferiu apontar os interesses econômicos dos aliados em jogo no conflito.

E na teia da interpretação dos atentados e da participação do Brasil na Guerra, criticou tanto no diário como no *Diário de Pernambuco* o abandono da posição de neutralidade pelo governo brasileiro. Sua crítica à política externa do governo Wenceslau Brás atingia também Nilo Peçanha e Rui Barbosa. Passara da posição de grande admirador e defensor deste durante a campanha civilista à crítica feroz com que externou no diário o desencanto pela influência que o político tivera na defesa da entrada do Brasil na guerra. Sobre a orientação de Nilo Peçanha à política externa não usou de meios tons:

[...] caminha de mãos dadas com os Estados Unidos e com a Argentina, quando esta não quer ser caudatária do governo americano e quer fazer política sua. Nem pode haver na Argentina confiança para com um país que se presta a sargentejar os Estados Unidos, isto é, a cumprir

os ditames dos que comandam em Washington os destinos americanos (25/11/1917).

O diário se encerra em dezesseis de junho de 1918, já bem próximo do fim da guerra, quando Oliveira Lima foi à Argentina para um ciclo de conferências a convite de Estanislao Zeballos. Com isso se encerrava também sua permanência no Recife e a “expansão íntima” para consigo mesmo, escrita num momento de “solidão moral”, cujo último registro acena com um retrato seu feito por uma pintora pernambucana, expressão zombeteira de vaidade não dissimulada e de afirmação de sua identidade.

Referências

- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A situação material dos navios de guerra da Armada Nacional ao final de 1917: uma análise crítica. *Navigator*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 7-19, 2007
- GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: uma biografia*. Recife: IAHGP, 1976, 3v.
- LIMA, Manoel de Oliveira. *Diário*, 1917-1918 (ms).
- LIMA, Manoel de Oliveira. *História da Civilização*. São Paulo: Weizsflog, 1921.
- LIMA, Manoel de Oliveira. *Horas de Ócio*, 1885(ms).
- LIMA, Manoel de Oliveira. *Caderno manuscrito*, s/d, s/l.
- LIMA, Manoel de Oliveira. *Memórias: estas minhas reminiscências...* Recife: Sec. Turismo, Cultura e esportes, 1986 (Prefácios de Gilberto Freire e Fernando da Cruz Gouvêa).
- LIMA, Manoel de Oliveira. *No Japão*. Impressões da Terra e da Gente. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- LIMA, Manoel de Oliveira. *O movimento da Independência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- PERROT, Michelle. Caroline, uma jovem do Faubourg Saint-Germain durante o Segundo Império. In: *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru: EDUSC, 2005.

- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SCHURSTER, Karl. O “inverno do descontentamento” na propaganda de preparação para a Segunda Guerra no Recife. *Navigator*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 42-58, 2013.
- TAVARES, Francisco Muniz. *História da Revolução de Pernambuco em 1817*. 3.ed. Recife: IAGP, 1917 (revista e anotada por Oliveira Lima).